

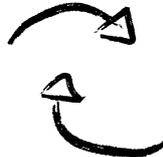
BEÓ

BEÓ é um boletim informativo/formativo, curto e breve, do Desembola na Ideia, projeto de atenção psicossocial voltado a adolescentes em situação de vulnerabilidade, realizado pela Associação Imagem Comunitária (AIC), que circula onde lhe dá na telha, informando a quem interessar possa que os jovens que dão B.O. pensam e sentem, e que suas ocorrências geram reflexões profundas e demandam soluções urgentes.

EDIÇÃO Nº 2 - MARÇO DE 2019

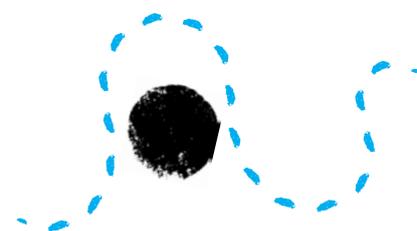


ME VEJA FORA DO RISCO



Editorial

Musso Greco e Rafaela Lima



Estamos registrando nosso segundo BEÓ. O tema é o olhar preconceituoso sobre os jovens da periferia da nossa cidade, que explicita uma condição de invisibilidade social revestida por imagens e nomeações que só fazem excluir, ampliar desigualdades e desvalorizar os jovens negros e pobres.

Levantamentos como o Mapa da Violência (publicado pelo IPEA e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública) e o Atlas do Desenvolvimento Humano (da ONU Brasil) demonstram, há vários anos, que tais jovens são os que têm menos acesso a direitos básicos (como alimentação, saúde, educação e moradia digna), os que mais sofrem violações de direitos e as maiores vítimas de homicídio no Brasil.

No entanto, apesar de todas as evidências em contrário, esses jovens negros e periféricos representam, no imaginário social moldado pelo medo da violência, o “inimigo público nº 1”, o risco que deve ser eliminado. Assim, a condição de cidadania lhes é negada. É urgente afirmar que essas vidas importam e são cidadãs.

Para espalhar tal afirmação aos quatro cantos, estamos lançando, junto com o BEÓ nº 2, a campanha de comunicação sobre direitos juvenis #faladireito (disponível em www.desembolanaideia.aic.org.br – não deixe de conferir!). Em uma atividade de criação de slogans para a campanha, um dos jovens participantes formulou o seguinte convite: “Me veja fora do risco”.

É esse o convite que nós, do projeto psicossocial Desembola na Ideia, também queremos fazer. Queremos desnaturalizar o olhar que exclui, e construir olhares que afirmem a cidadania das juventudes pobres, negras e periféricas. Para isso, trazemos as falas dos próprios adolescentes, e as reflexões de quem trabalha com eles no dia a dia do Desembola.

Queremos, neste boletim, registrar encontros verdadeiros, desarmados por acontecimentos imprevisíveis e singulares. Queremos, pela escuta e na política, descobrir novos sentidos para nossas ações e discursos.

Qual o olhar para os jovens de Belo Horizonte?

Etiene Martins, Musso Greco e Vinícius Carossi



BEÓ perguntou a adolescentes de 15 a 18 anos, do Sistema Socioeducativo, como eles consideram que são vistos pela sociedade. Algumas respostas estão aqui, explicitando uma construção social e psicológica alarmante, na qual a representação do jovem urbano pobre e negro é não só desfavorável, como perigosa, uma vez que reduz os direitos desse segmento da população, e favorece – diríamos mesmo que direciona – sua exclusão da sociedade e da vida.

As pessoas vêem a maldade no rosto... um menino olhou pra mim e atravessou a rua: deve ter visto a maldade na minha mente (outro adolescente interpreta: “Deve ter sido porque você é preto, a roupa que você usa ele acha que é de traficante, favelado, vai roubar”). Acha que quem é novo e preto, essa bermuda... então vai roubar? Nada a ver! É... preconceito com quem é escuro...

Se eu entrar em lugar que tem mais gente branca, vou sentir oprimido.

A polícia... a polícia tem discriminação com quem tem pele preta, mais escura.

A sociedade cria na mente deles que uma pessoa negra não pode conviver em lugar de

branco. No BH Shopping ficam olhando pra gente... tem a ver com a roupa, com a cara, com a pele...

Dá vergonha de olhar pro lado, nem motorista de ônibus troca ideia com a gente. No meu bairro, em que eu nasci, não tem preconceito; nos outros lugares, tenho que engolir seco para não quebrar a cara do racista.

O crime aceita branco, preto... o crime não tem acepção de cor - é acepção mesmo que fala? - , pode ser pobre, rico, aceita todo mundo.

Bermuda Tactel mostra que é favelado; playboy usa bermuda jeans, roupa Osklen.

Os antepassados já pensaram que preto é pior que o branco, desde antigamente. Porque somos cachorros.

[um dos meninos se apresenta no início do grupo pelo nome próprio, seguido do complemento “menor infrator”] É difícil entender porque os outro é diferente da gente...

Se nós passa na rua, as pessoa esconde a bolsa, é um preconceito... o jeito que nós veste... julga sem conhecer... Os pessoal julga pela aparência... Pra população, a roupa mostra se você não é vagabundo.

Quero ser pai... Filho faz você pensar que você não quer que ele espelha em você, né?

A guerra e o inimigo

Marcelo Bizzotto



Angustiado com os rumos que suas descobertas poderiam tomar, Einstein recorreu a Freud, em uma carta escrita em 1932, questionando o motivo pelo qual o ser humano busca, a todo custo, o poder, por meio da fabricação e venda de armas para uso em guerra. O físico perguntava ao psicanalista se o ser humano encerraria dentro de si um desejo de ódio e destruição, na tentativa de compreender o motivo das guerras. Freud respondeu concordando com Einstein, reafirmando que matar um inimigo satisfaria uma inclinação dos instintos, e que os conflitos de interesse entre homens seriam resolvidos pelo uso da violência.

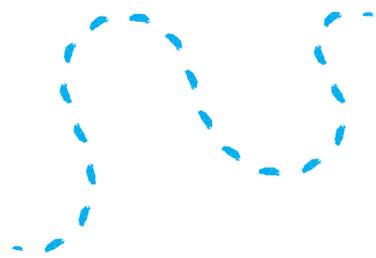
Pode-se deduzir, então, que a violência é um tipo de resolução de conflito, e esse paradoxo faz da guerra um acontecimento sempre presente na história da humanidade. A tão desejada paz conquistada pelos povos que sobrevivem à guerra revela-se frágil e efêmera, uma vez que a unidade criada após o término de uma guerra logo é dissolvida, posto que o que mantém, de fato, partes não coesas unidas é a violência. Por isso é que surge a necessidade de um sistema de lei que possa

minimamente organizar as relações humanas de uma determinada comunidade. Mas o surgimento da lei como elemento garantidor dessa união e representante da força de uma comunidade também está atrelado à violência... Para Freud, mesmo na lei, o que vigora é a violência, “pronta a se voltar contra qualquer indivíduo que se lhe oponha”. A lei acaba revelando exatamente a injustiça e a desigualdade de poder dentre os membros de uma mesma comunidade, pois, ainda segundo Freud, são feitas por e para os membros governantes e deixam “pouco espaço para os direitos daqueles que se encontram em estado de sujeição”.

Entre os que estão nessa posição, e que acabam funcionando como inimigos do Estado - portanto, “matáveis” pelos demais indivíduos, sem que estes possam se responsabilizar pelo seu ato - , encontramos os jovens negros e pobres dos grandes centros urbanos, cujos direitos parecem suspensos, o que valida práticas de violência contra eles. Ressalto aqui as práticas de violência, que esses jovens nos contam que muitas vezes são praticadas por agentes que atuam em nome do Estado

e da aplicação da lei, e a silenciosa violência que paira sobre o imaginário social – que pode ser lida, por exemplo, em frases cada vez mais comuns, de cunho punitivista, como “bandido bom é bandido morto”.

A construção do inimigo, reconhecido pelos nomes de “bandido”, “vagabundo” ou “favelado”, é amplamente amparada pela mídia, o que contribui para que esse indivíduo receba um tratamento diferente daquele que se deve dar a qualquer cidadão. Exemplos não faltam. No site do G1, de 17/03/2015, a chamada da matéria diz, referindo-se a um morador da periferia: “Polícia prende traficante com 10 quilos de maconha em Fortaleza”. Na semana seguinte, em 27/03/2015, no mesmo portal de notícias, um jovem da classe média carioca ganha assim sua manchete: “Polícia prende jovem de classe média com 300 kg de maconha”. Ora, o que define ali a figura do “traficante” (inimigo do Estado)? A quantidade de drogas? Não, pois o indivíduo nomeado como bandido portava 30 vezes menos drogas que o outro... É a classe social (morador de periferia e jovem de classe média) que determina, antes de um processo e de um julgamento, quem é o



inimigo da sociedade.

Freud critica o preceito bíblico de amar ao próximo como a si mesmo, afirmando que o homem não é, em absoluto, esse ser indulgente, “de coração sedento de amor”, mas, ao contrário, um ser que tem que computar em seus dados instintivos uma boa dose de agressividade. A fraternidade, segundo Freud, somente se fundamenta pela segregação: “É sempre possível unir entre si pelos laços do amor uma massa maior de homens, sob a condição de que restem outros de fora dela para receber os golpes”. A figura do inimigo, portanto, orienta os laços de união entre os homens, a partir de uma lógica excludente.

Diante disso, os jovens, excluídos, revidam na mesma moeda o modo violento como sempre são tratados, e eclodem verdadeiras guerras nas periferias das grandes cidades, em uma espécie de suspensão temporária da lei, com novas tentativas de solução mediante

à violência, que terminam com o estabelecimento de um novo sistema de leis, do qual temos notícia pelos terríveis efeitos da chamada “lei do crime”.

Durante uma roda de conversa realizada em um centro socioeducativo por um psicanalista, um adolescente apelidado de “Perigoso” pelos outros internos, diz: “Eu sou vagabundo, é assim que a sociedade me vê”. Por essa identificação maciça ao modo como é visto, o jovem justifica todos os seus atos infracionais, que sempre visam eliminar o que ele chama de seus “inimigos”.

A psicanálise observa que em toda relação com o outro há um eco de exclusão, que diz “é ele ou eu”, como se o outro estivesse sempre prestes assumir um lugar de domínio em relação ao sujeito. “Perigoso”, nessa perspectiva, não é diferente de ninguém, em suas tendências de se afirmar como “eu” pela via da disputa de poder. Conta bravatas, para

impressionar e intimidar seus colegas de internação, sobre quantas pessoas matou, e quantos tiros tomou.

Mas deixa escapar que não é tão forte e resolvido assim, quando se diz “ansioso” e “hiperativo”, ilustrando isso com uma cena cotidiana que traz mal estar: não sai de casa sem “descarregar o pente da arma”, distribuindo balas para todos os lados. Diante do impacto que isso provoca nos presentes, completa, dizendo que, apesar de ser do crime, não faz só “coisa errada”, pois dá balas para os mais pobres. Na ambiguidade das palavras, o psicanalista vê uma possibilidade de intervir, chamando o sujeito para questionar a rigidez das nomeações que vêm da sociedade: “então, há balas e balas”. “Perigoso” sorri, e responde: “Ninguém é só uma coisa, ninguém é só bandido”.

SOU O SEU ESPELHO

(eu compro) cordão (eu compro) os pano de grife

Bianca Poppi

- *"Você é playboy!", comenta um dos adolescentes.*
- *"E você é o quê?", devolve um dos psicólogos.*
- *"Eu sou favelado!"*

Essa foi a primeira conversa que escutei quando estava começando a atuar como oficina de "estilo" no Desembola na Ideia e buscava junto a um dos psicólogos entender como poderia iniciar um trabalho mais próximo aos desejos e entendimentos dos adolescentes em relação à moda.

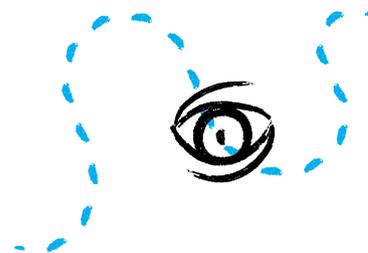
A moda, antes de tudo, é uma linguagem que, a partir de um contexto histórico e sócio-cultural, articula seus significados. Nossos trajes materializam essa linguagem: são uma forma de expressão que conjuga indivíduo, sociedade, memória e cultura. É, primeiramente, pelo modo de vestir que um indivíduo procura mostrar à sociedade ou a seu grupo social o seu jeito, sua maneira, gostos, ideias, intenções; ou até mesmo usa desse artifício para ocultar suas intenções ou suas "imperfeições".

Numa tarde de oficina, um adolescente angustiado com a perda de um amigo próximo relata estar em um momento muito ruim, em que não gostaria de ser parado pela polícia. Seu artifício para evitar a atenção

da polícia, então, é a roupa: uma camisa social, uma calça esportiva lisa com aparência mais "básica", tênis, "mochila de pano" (que ele mesmo define como um acessório importante) e óculos de lentes transparentes, mas sem grau – outro acessório que o deixa com "cara de estudante, trabalhador".

Como jovem, busca, principalmente, afirmar, por meio do "estilo", uma identidade, que pode ser entendida como a relação entre múltiplos eus, sendo o eu "ideal" a concepção imaginária de como ele gostaria de ser, e o eu "real" a avaliação mais factível das qualidades que possui. Os adolescentes do Desembola, em sua maioria negros e pobres, se identificam como "favelados". Seria esse eu/estilo "favelado" - que os distingue visualmente - uma transgressão ao padrão vigente? Mas por que atrair para si um olhar preconceituoso da sociedade e da polícia? Por que escolher uma imagem que não é aprovada para se apresentar socialmente?

Talvez o estilo "favelado" seja a resposta que eles dão à sociedade de consumo: esses jovens parecem buscar tudo o que lhes é inatingível, reconstruindo sua identidade a partir daquilo que gostariam



de ter e não do que realmente são ou têm. Demonstram aspirar adquirir/comprar/usar/vestir "marcas" e "acessórios" que signifiquem alguma forma de inclusão social, por meio do consumo e da ostentação de tatuagens, de aparelhos eletrônicos, de roupas, bonés e tênis que imitam os "de grife". Com seu visual próprio, seu modo de falar, de dançar e de cantar, criam uma narrativa de si mesmos para se afirmarem diante dos outros.

Para o filósofo Paul Ricouer, a identidade é inseparável de uma narrativa. A moda - que está por toda parte - também é uma narrativa a serviço da identidade. Nas lutas cotidianas desses adolescentes excluídos do lugar de prestígio, não há como ver nas escolhas do estilo um sentido de autoafirmação? De resistência a uma condição subalterna?

O processo de construção das identidades é aberto, toma novos significados e se reinventa continuamente. Mas, quando se trata de uma tomada de posicionamento social de uma juventude historicamente marginalizada - negra e de periferia -, a sociedade os obriga a passar por uma higienização do estilo "favelado": se o jovem pretende se inserir no mercado de trabalho ou andar livremente dentro de

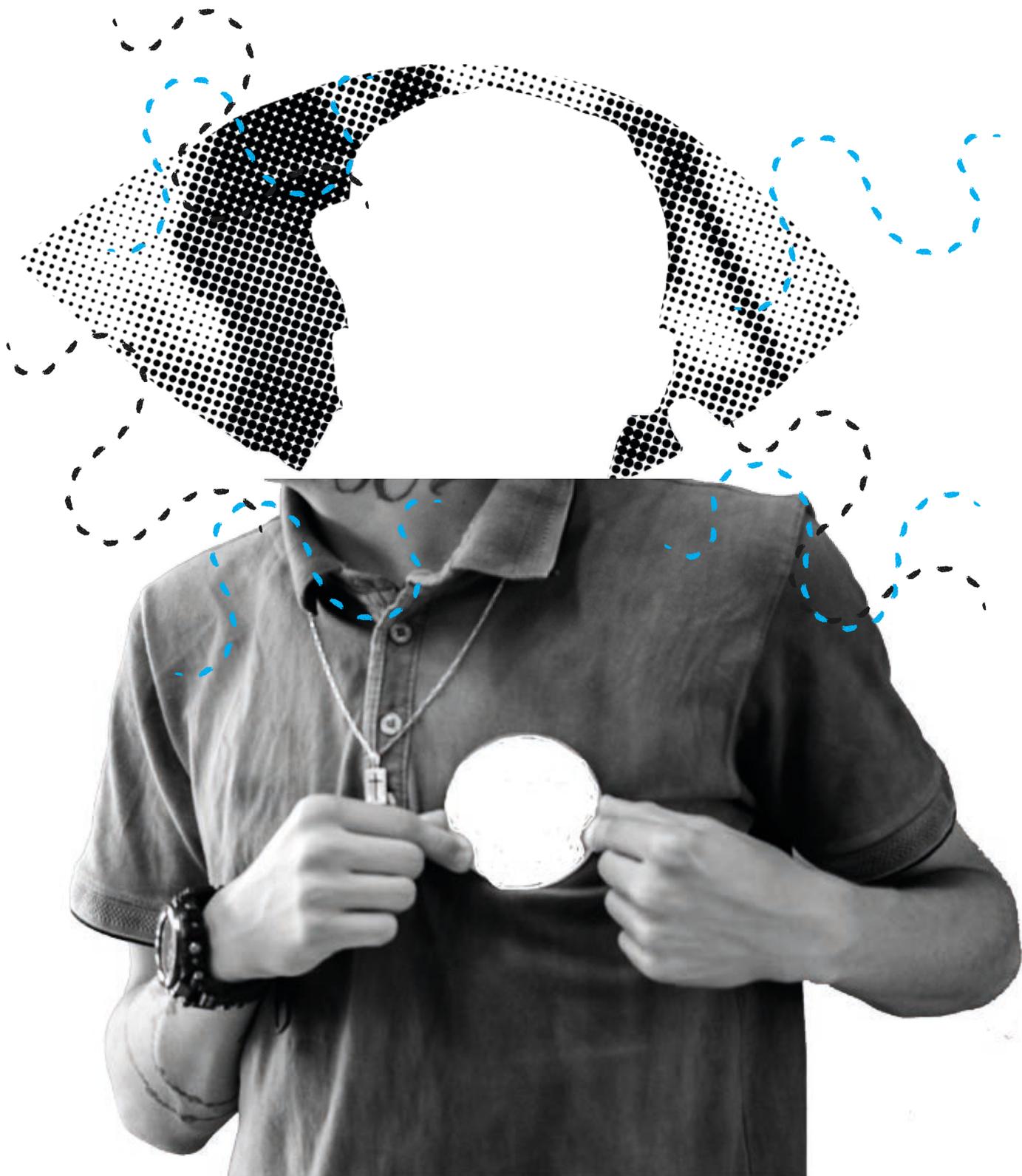
um shopping center, ele não pode ter suas tatuagens, brincos, piercings, o cabelo pintado com corte "malado", pois essas características têm significados negativos. Estamos diante de um impasse... Para se afirmar, o jovem confirma, na sua imagem e no seu comportamento, o lugar de exclusão...

O impasse, contudo, convive com invenções que por vezes quebram os ciclos de reiteração das lógicas excludentes – invenções das quais só eles parecem capazes. Como esse visual descrito por um dos adolescentes que participa do Desembola na Ideia:

*Um verde no cabelo
Uma erva no pescoço
Gshock branco no pulso
São Jorge no peito
Camisa do Barcelona
Bermuda da Cyclone
Chinelo da Oakley:
Pra provar pra mim mesmo que eu sou capaz e um foda-se pra sociedade.*

SEU
OLHAR
ME
REVESTE





BEÓ é um boletim produzido pelo Desembola na Ideia, projeto realizado pela Associação Imagem Comunitária com recursos destinados pela 20ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte, no bojo de ação civil pública proposta pelo MPT, e apoio da 23ª Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Belo Horizonte – Área Infracional –, assim como do PlugMinas – Centro de Formação e Experimentação Digital da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.